ASPECTOS CLÍNICOS-EPIDEMIOLÓGICOS DA ESPOROTRICOSE FELINA NO MUNICÍPIO DE PELOTAS – RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

LAURA APARECIDA MARTINS DE MORAES[1]; SERGIANE BAES PEREIRA[2]; VITOR CAMPOS ASSUMPÇÃO DE AMARANTE[3]; ANGELITA DOS REIS GOMES[4]; RENATA OSÓRIO DE FARIAS[5]; FABIO RAPHAEL PASCOTI BRUHN[6]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – laura_m_moraes@outlook.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – sergiiane@hotmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – vitor_amarante@hotmail.com*
[4]*Universidade Federal de Pelotas – angelitagomes@gmail.com*
[5]*Universidade Federal de Pelotas – renataosoriovet@gmail.com*
[6]Universidade Federal de Pelotas – fabio_rpb@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma doença subcutânea, causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, predominando no Brasil a espécie *Sporothrix brasiliensis* nas regiões Sul e Sudeste do país (BAZZI et al., 2016). Sua transmissão ocorre através de matéria orgânica contaminada ou através da arranhadura ou mordedura de um animal infectado, sobretudo os felinos domésticos, a outro ou a uma pessoa, sendo essa última a principal forma de transmissão zoonótica (ALMEIDA et al., 2018).

Para diagnóstico presuntivo da enfermidade se epidemiologia, histórico clínico, anamnese e exame clínico, para o diagnóstico definitivo é utilizada a cultura fúngica para isolamento do agente, sendo o reconhecimento e diagnóstico precoces importantes fatores para o controle (SALES et al., 2018).

Apesar de ser uma importante enfermidade em felinos e do aumento significativo de sua prevalência como problema de saúde pública nas últimas décadas em Estados como o Rio Grande do Sul, a esporotricose ainda é pouco conhecida pela população, o que dificulta seu controle sanitário e tratamento (SCHUBACH et al., 2008). Nesse sentido, é fundamental a atuação do médico veterinário como agente conscientizador em todos os setores da sociedade. Assim, este trabalho tem como objetivo a contribuição com análise epidemiológica por meio da realização de um estudo retrospectivo sobre a casuística da esporotricose na cidade de Pelotas – RS nos anos de 2015 a 2018 diagnosticados pelo Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (MICVet/UFPel).

2. METODOLOGIA

Tendo o objetivo de avaliar a epidemiologia da esporotricose em felinos na cidade de Pelotas – RS, foi realizado um estudo retrospectivo com os diagnósticos confirmados pelo Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (MicVet/UFPEL), através de cultivo micológico, em um período de quatro anos (de janeiro de 2015 a dezembro de 2018).

Através dos protocolos para requisição de exames micológicos foram obtidas informações sobre sexo, raça, faixa etária dos pacientes e sinais

clínicos relatados pelo médico veterinário que solicitou o exame diagnóstico. Para a classificação da faixa etária, foram considerados jovens felinos até dois de idade; adultos felinos até dez anos de idade e geriátricos felinos com idade superior a dez anos, conforme descrito por (VOGT et al., 2015).
Os diagnósticos definitivos foram realizados a partir de cultivo micológico e os dados obtidos foram avaliados através de análise estatística descritiva realizadas por meio do *software* estatístico SPSS 20.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de análises micológicas do MicVet/UFPel, foram diagnosticados 145 casos de esporotricose felina no Município de Pelotas – RS entre janeiro de 2015 a dezembro de 2018. Conforme MADRID et al (2017), o Estado do Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros com significativo número de casos da doença no país, com destaque para o Município de Pelotas e Rio Grande, onde os casos vem crescendo consideravelmente.

Com relação ao sexo, pode-se observar que felinos do sexo masculino apresentaram maior casuística da enfermidade (109/130; 78,4%) em relação às do sexo feminino, conforme demonstrado na Tabela 1. Tal frequência observada, provavelmente, deve-se ao comportamento territorialista e disputas de machos por fêmeas no cio, que geram agressões, aumentando as chances da inoculação do fungo, uma vez que a transmissão da enfermidade entre felinos, assim como para humanos, se dá principalmente pela arranhadura e mordedura de animais infectados (GREENE, 2015; ALMEIDA et al., 2018).

Tabela 1 – Características epidemiológicas de casos de esporotricose felina no Município de Pelotas – RS, diagnosticados no MICVet/UFPel, 2015 - 2018.

Sexo	N	%
Macho	109	78,4
Fêmea	30	21,6
Faixa etária		
Jovem	44	39,3
Adulto	67	59,8
Geriátrico	1	0,9
Raça		
Sem raça definida	121	95,3
Com raça definida	6	4,7

Em relação a faixa etária, observou-se maior prevalência da enfermidade em felinos adultos (67/112; 59,8%) (TABELA 1), corroborando com os resultados observados por SALES et al. (2018), e pode ser decorrente do fato de felinos nessa faixa etária estarem expostos por maior período a situações de risco, como acesso à rua e aos vírus da FIV e da FELV (SCHUBACH et al., 2008). Já ao se considerar a raça, observou-se maior prevalência em animais sem raça definida (121/126; 95,3%) (TABELA 1), o que vai ao encontrado dos resultados relatados por SALES et al. (2018) e por BAZZI et al. (2016) em seus estudos.

Dos casos confirmados com apresentações clínicas, a lesão mais encontrada foi a ulcerada (101/125; 80,8%), seguida por lesões drenantes (54/125; 43,2%) e nodulares e alopécicas (38/125; 30,4%) (TABELA 2). Resultados esses similares aos relatados por ALMEIDA et al. (2018), e sugerem

que os animais avaliados se encontravam, predominantemente, com a forma cutânea localizada da enfermidade e em fase de progressão da mesma (PIRES, 2017).

Tabela 2–Sinais clínicos observados nos casos de esporotricose felina, do município de Pelotas – RS, diagnosticados no MICVet/UFPel, 2015 – 2018.

Sinais clínicos	**N**	**%**
Lesão ulcerada	101	80,8
Lesão drenante	54	43,2
Lesão nodular	38	30,4
Alopecia	38	30,4
Prurido	36	28,8
Sinais respiratórios	6	4,8

Os resultados observados expõem a significância da esporotricose na medicina felina e como zoonose em Pelotas, RS. Medidas de controle da enfermidade como alertar sobre a necessidade de posse responsável, castração e restrição de acesso à rua são de extrema necessidade. Também vale ressaltar que, além de educação sanitária, é fundamental a vigilância sanitária e estabelecimento protocolo terapêutico adequado, inclusive para animais errantes (MADRID et al., 2017), sendo necessário para isso o reconhecimento da enfermidade por parte dos médicos veterinários e da população, sobretudo em regiões endêmicas.

4. CONCLUSÕES

Em virtude do exposto, pode-se concluir que, no período de quatro anos avaliados no presente estudo, foram diagnosticados, pelo MICVet/UFPel, 145 casos de esporotricose felina no Município de Pelotas – RS, sendo felinos machos, adultos e SRD os mais acometidos, e lesões ulceradas o sinal clínico mais prevalente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. J.; REIS, N. F.; LOURENÇO, C. S.; COSTA, N. Q.; BERNARDINO, M. L. A.; MOTTA, O. V. **Esporotricose em felinos domésticos (Felis catus domesticus) em Campos dos Goytacazes, RJ. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 7, p. 1438 – 1443, 2018.

BAZZI, T.; MELO, S. M. P.; FIGHERA, R. A.; KOMMERS, G. D. Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 303 – 311, 2016.

CHAVES, A. R. **EVOLUÇÃO CLÍNICA DOS CASOS DE ESPOROTRICOSE FELINA DIAGNOSTICADOS NO INSTITUTO DE PESQUISA CLÍNICA EVANDRO CHAGAS (IPEC)/FIOCRUZ NO PERÍODO DE 1998 A 2005**. 2011.

Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) – Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

MADRID, I. M.; ECCKER, F. M.; SOUZA, N. F. M. Status epidemiológico da esporotricose na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 3, p. 75-75, 2017.

MADRID, I. M.; OLIVEIRA, D. M.; SOUZA, N. F. M. Ações de vigilância e controle da esporotricose zoonótica na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 77-77, 2017.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16 – 23, 2017.

SALES, P. A. M.; SOUTO, S. R. L. S.; DESTEFANI, C. A.; LUCENA, R. P.; ROCHA, E. M. S.; BAPTISTA, A. R. S. Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da citopatologia por *imprint*. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, Ananindeua - Pará, v. 9, n. 2, p. 13 – 19, 2018.

SCHUBACH, A.; BARROS, M. B. L.; WANKE, B. Epidemic sporotrichosis. **Current Opinion in Infectious Diseases**, v. 21, p. 129-133, 2008.

GREENE, C. E. Esporotricose. In: GREENE, C. E. (Ed. 4) **Doenças Infecciosas em Cães e Gatos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. Cap. 21, p. 1421 – 1433.

VOGT, A. H.; RODAN, I.; BROWN, M.; BROWN, S.; BUFFINGTON, C. A. T.; FORMAN, M. J. L.; NEILSON, J.; SPARKES, A. Feline Life Stage Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 12, n. 1, p. 43 – 54, 2010